

MAPEANDO A LITERATURA

MAPPING LITERATURE

Robert Tally¹

Gostaria de começar com um agradecimento à Professora Ana Maria Costa Lopes e aos outros membros da organização do evento pelo convite, aos patrocinadores (incluindo o grupo TOPUS) e aos demais envolvidos com este evento internacional sobre o espaço literário. Sinto muitíssimo por não ter podido comparecer pessoalmente, mas espero participar presencialmente em um momento futuro. Também agradeço a Matt Greengold e a outros membros da Universidade Estadual do Texas por esta gravação. E, finalmente, agradeço a todos que vieram ouvir a palestra hoje.

I.

Gostaria de tratar sobre crítica literária depois do momento conhecido como “virada espacial” e, nesse sentido, quero me concentrar na geocrítica, uma abordagem relativamente nova dos estudos culturais e literários que coloca o espaço, o lugar, a cartografia e, de forma mais geral, as relações espaciais no centro do trabalho crítico. Discutirei a virada espacial em si de forma breve, mas uma ideia subjacente é a de que nosso próprio tempo é, mais do que qualquer outra época, claramente marcado pela espacialidade e que, por isso, os críticos devem hoje, mais do que anteriormente, prestar atenção a matérias que dizem respeito ao espaço. Uma certa concepção de lugar como representação mental, à qual me refiro como “topofrenia”, assume um papel mais premente nos estudos literários ou culturais no presente. Numa palavra, o espaço acoentece no tempo oportuno.

(Acredito que este seja o melhor momento para um pouco de publicidade: Meu novo livro intitulado *Topophrenia: Place, Narrative, and the Spatial*

¹ Robert T. Tally – Texas State University – EUA. [gravado em 25 de julho de 2018 para a **VI JOEEL - Jornada Internacional de Estudos sobre o Espaço Literário**, realizada nos dias 26, 27 e 28 de setembro de 2018 na ESEV (Escola Superior de Educação de Viseu, Portugal) em conjunto com o TOPUS (**Grupo Interinstitucional de pesquisa Espaço, Literatura e outras artes**)]

Imagination será publicado como parte da série “Humanidades Espaciais” da editora da Indiana University em 2 de janeiro de 2019).

Assim, é chegada a hora do momento geocrítico. Porém, interrogo-me se honestamente sou a melhor pessoa para defender esse momento de especial atualidade da geocrítica, diante de meu entendimento teórico e prático de certo modo expansivos. Por exemplo, mesmo que eu seja um seguidor de meu antigo professor Fredric Jameson, assim como de Michel Foucault, David Harvey, Edward Soja e de outros que afirmam que nossa época é, de muitas maneiras, caracterizada por um alargado senso de espacialidade e das relações espaciais, despendi muito tempo e energia defendendo a ideia de *cartografia literária* que, embora não seja propriamente a-histórica ou mesmo trans-histórica, está ainda assim ligada a várias formas de dar sentido ao mundo, que eu associo especialmente com a narrativa.

Desse modo, minhas ideias são fortemente baseadas em teóricos como Jameson, mas também em Northrop Frye, Georg Lukács, Erich Auerbach e suponho que eventualmente recuem até Aristóteles. Em um artigo que escrevi sobre a espacialidade literária há alguns anos², usei exemplos de textos como *A Odisseia*, *Inferno* e *Moby-Dick*, os quais dificilmente podem ser considerados pós-modernos. (Por favor, notem que não sou uma daquelas pessoas que tentam estender “o pós-modernismo através dos tempos” [tradução do título de uma coleção de ensaios organizada por Bill Readings e Bennet Schaber, publicada em inglês, em 1993, como *Postmodernism Across the Ages*]; não pretendo defender que aquilo que Jameson chamou de “aquela nova espacialidade implícita no pós-moderno” possa simplesmente ser aplicada a textos mais antigos)³. Penso, de facto, que uma abordagem geocrítica que reflita e se baseie em teorias espaciais ou geográficas recentes possa ser usada para produzir novas interpretações e análises de textos mais antigos (bem como de novos), mas esse não é, também, inteiramente o meu ponto de vista.

² Ver texto de minha autoria intitulado “Spatiality’s Mirrors: Reflections on Literary Cartography.” *Journal of English Language and Literature* 61.4 (2015), 557–576.

³ Ver o livro de Bill Readings and Bennet Schaber (eds.) *Postmodernism Across the Ages: Essays for a Postmodernity that Wasn’t Born Yesterday* (Syracuse, NY: Syracuse University Press, 1993); e o de Fredric Jameson, *Postmodernism, or, the Cultural Logic of Late Capitalism* (Durham, NC: Duke University Press, 1990), 418.

Também quero distinguir, da melhor forma possível, entre a atenção dada ao espaço, ao lugar e ao mapeamento, que poderia associar-se à geocrítica e aos aspectos mais tradicionais e, no entanto, ainda espacialmente incrustados dos estudos literários. De facto, a atenção dada ao espaço e ao lugar não é novidade nos estudos literários, já que locais distintos, a região, a paisagem ou outras características geográficas pertinentes são cruciais para o significado e a eficácia das obras literárias. Gêneros inteiros podem ser definidos por tais características espaciais ou geográficas, tais como o poema pastoral, a narrativa de viagens, a utopia e a arte urbana. Inúmeros outros exemplos poderiam ser destacados do âmbito da história literária, da crítica e da teoria.

Poderia argumentar que, enquanto as categorias espaço ou lugar são cruciais para as discussões sobre cenário, regionalismo, ou mesmo sobre certos gêneros, muitas das abordagens críticas já feitas se limitaram a identificar aspectos espaciais para, posteriormente, ignorá-los ou relegá-los a uma presença mais ou menos passiva em segundo plano. É inevitável não mencionar, por exemplo, a localidade distintivamente “sulista” das histórias de William Faulkner ou de Flannery O’Connor. No entanto, o foco crítico de muitas leituras rapidamente desloca-se para outras questões sobre personagem, moralidade, sexualidade e raça, por um lado, ou, por outro, para considerações formais como ponto de vista, fluxo de consciência, *foreshadowing*, e assim por diante. Como observam os autores de um estudo recente sobre geografia e narratologia: “o espaço é uma dimensão da narrativa relativamente negligenciada”⁴. Mas a suposta dominação do tempo sobre o espaço na crítica narrativa é uma discussão para outro momento.

Faço uma última advertência: acredito que emprego o termo *geocrítica* de modo diferente e mais abrangente do que Bertrand Westphal em seu livro intitulado *Geocriticism*.⁵ Nele, o autor defende uma abordagem “geo-cêntrica” para a literatura, contrastando-a com as abordagens “ego-cêntricas” que se focalizam num escritor individual, por exemplo. A geocrítica de Westphal começaria com o lugar, isto é, uma região ou uma cidade, depois reuniria um

⁴ Marie-Laure Ryan, Kenneth Foote, and Maoz Azaryahu, *Narrating Space / Spatializing Narrative: Where Narrative Theory and Geography Meet* (Columbus, OH: Ohio State University Press, 2016), p. 16.

⁵ Ver Bertrand Westphal, *Geocriticism: Real and Fictional Spaces*, trans. Robert T. Tally Jr. (New York: Palgrave Macmillan, 2011).

corpus de textos de modo a proporcionar uma representação multifocal e polissensorial do lugar. O corpus poderia incluir não apenas ficção e poesia, mas filmes, travelogues (filmes de viagem), folhetos turísticos, estudos arquitetônicos, documentos de planejamento urbano e assim por diante. Uma das principais vantagens desse método é que, ao reunir muitos textos diferentes em uma matriz interdisciplinar, pode-se evitar ou minimizar parcialidades pessoais, preconceitos e estereótipos. Determinar o que constitui um corpus válido é um problema óbvio, prontamente reconhecido pelo próprio Westphal. Quantos textos e de que natureza devem ser reunidos antes de se começar a “ler” um lugar? Westphal fala em “limiar da representatividade”, mas obviamente nem todos estariam de acordo quando e onde tal limite seria alcançado. Embora considere o projeto fascinante, eu não teria problema algum em observar a Londres de Virginia Woolf ou o condado de Yoknapatawpha de Faulkner ou, ainda, a Nárnia de C. S., apenas para mencionar três lugares ficcionais diferentes.

II.

Quero sugerir que a geocrítica seja entendida em conexão com o que denomino de *topofrenia* e de *cartografia literária* que, juntas, formam um conjunto complexo, descontínuo e recursivo de atividades criativas e críticas delineando-se umas às outras mantendo porém um grau de semi-autonomia. Muito informalmente falando, eu poderia colocar cada termo em sua própria categoria mas, na prática, iriam forçosamente, intersetar-se uns com os outros. Esquemáticamente, o primeiro termo é existencial; o segundo, poético; e o terceiro, analítico, interpretativo ou avaliativo, o que quer dizer, em uma palavra, crítico. De forma mais simples e clara, tais termos se referem à percepção, à escrita e à leitura, mas é claro que estão todos inextricavelmente ligados à noção muito mais confusa de Ser.

Espero que vocês me perdoem pelo uso do neologismo, mas elaborei o termo “topofrenia”, em parte, em resposta a “topofilia”, uma ideia chave em *A Poética do espaço* de Gaston Bachelard e, também, ao termo usado pelo geógrafo cultural Yi-Fu Tuan, como título de seu influente livro de 1974⁶. Considero o conceito topofilia útil, mas a disposição positiva de Tuan o leva

⁶ Ver Yi-Fu Tuan, *Topophilia: A Study in Environmental Perception, Attitudes, and Values* (New York: Columbia University Press, 1990 [orig. 1974]).

ocasionalmente a negligenciar os aspectos menos agradáveis da nossa experiência com o espaço e o lugar. (Em boa verdade, Tuan também escreveu um livro intitulado *Landscapes of Fear* – traduzido para o português como *Paisagens do Medo* –, pelo que ele estava bem consciente do que poderia ser chamado de *topofobia*, palavra que, na verdade constitui o título de um fascinante estudo fenomenológico escrito há pouco tempo por Dylan Trigg)⁷.

Independentemente da terminologia usada, me parece que uma consideração crucial necessária a quaisquer estudos literários propriamente ditos espaciais é o sentido generalizado não apenas de lugar, mas de lugar como representação mental, o que caracteriza tanto a experiência subjetiva quanto a representação artística de lugares, pessoas, eventos e assim por diante. Concordo com o entendimento de Jameson acerca da narrativa como sendo “a função central ou a *instância* da mente humana”, mas eu complementá-la-ia com a premissa de que qualquer função narrativa seja entendida como uma forma de mapeamento. É o que tenho em mente com a ideia de cartografia literária⁸. As dinâmicas relações espaço-temporais entre sujeito, situação, representação e interpretação convidam a abordagens críticas da literatura que sejam sensíveis às incertas e tantas vezes mutáveis, mas sempre pertinentes formas como o lugar assombra a mente.

Por isso, proponho o termo *topofrenia* como uma designação provisória para aquela condição da narrativa, necessária para qualquer leitura ou escrita de um texto, em que a persistência do lugar e sua relação com o sujeito deve ser levada em consideração. Tal representação mental de lugar não deve ser entendida como uma relação simplista entre um dado escritor e seu lugar particular (Henry David Thoreau em *Walden Pond*, por exemplo), embora qualquer análise cuidadosa dessa relação possa revelar certamente que as coisas não são tão simples assim (quando, por exemplo, as linhas topográficas da narrativa *Walden* de Thoreau estendem-se ou alcançam becos sem saída, cruzam-se com outras, proliferam, combinam-se e estabelecem linhas inteiramente novas). Em vez disso, a topofrenia sugere, de várias formas, em

⁷ Ver Yi-Fu Tuan, *Landscapes of Fear* (New York: Pantheon, 1979); Dylan Trigg, *Topophobia: A Phenomenology of Anxiety* (New York: Bloomsbury, 2016).

⁸ Fredric Jameson, *The Political Unconscious: Narrative as a Social Symbolic Act* (Ithaca, NY: Cornell University Press, 1981), 13, 123.

que medida *todo* pensamento é, e várias formas, pensamento sobre o lugar, que também envolve o pensamento sobre as relações entre lugares, bem como entre os sujeitos e lugares, no sentido mais amplo possível.

Na prática, isso não representa tanto um *inconsciente geográfico* quanto um comportamento existencial em relação ao mundo⁹. Esse comportamento cria problemas e oportunidades para a crítica literária espacial. A topofrenia caracteriza o envolvimento subjetivo com um lugar específico, com o sentido de lugar subjetivo e com a possível projeção de lugares alternativos. Além disso, ela requer que consideremos as estruturas e sistemas aparentemente objetivos que condicionam nossas percepções e experiências de espaço e lugar.

A representação mental de lugar, aqui, deve entender-se como sendo coincidente com toda uma gama de afetos, atitudes, concepções, princípios, referências e sensibilidades que caracterizam a imaginação espacial. Em contraste com a essencialmente leve e doce *topofilia* de Tuan, essa sensibilidade ou afeto não é sempre algo agradável, familiar ou seguro; em vez disso, acontece em um conjunto de forças oscilatórias, mas frequentemente sistêmicas que determinam o relacionamento entre o sujeito e o social, ou mesmo com a totalidade cósmica. Contudo, qualquer condição ou atitude topofrênica está também necessariamente aberta aos deleites do espaço e do lugar, ao jogo das práticas espaciais em que, invariavelmente, nos encontramos tanto inscritos como permanentemente nos inscrevendo.

A experiência de um lugar não é uma questão simples. Qualquer orientação adequada ou “sentido de lugar” conecta-se e implica-se em uma rede de espaços e lugares aparentemente infinitos que servem como pontos de vista em transformação ou quadros de referência, além de poder afetar a situação do próprio sujeito. Um lugar é apreendido subjetivamente, mas é também apenas compreendido como tal quando localizado como parte integrante ou por referência a um conjunto não-subjetivo ou supra-subjetivo de relações espaciais, lugares, redes, circuitos, dentre outros.

De fato, (isso me leva à questão da *cartografia literária*) a apreensão do lugar está ligada a um conjunto de relações discursivas ou narrativas que determinam o resultado ao implicar a percepção subjetiva e a coisa em si –

⁹ Ver Argyro Loukaki, *The Geographical Unconscious* (London: Ashgate, 2014).

objetiva (ou não-subjetiva) – no domínio de um sistema tênue, instável e em constante mudança (o da linguagem, por exemplo). Se, como Tuan insiste, um lugar é definido, em parte, como um local ou um segmento de espaço discreto e identificável (isto é, uma porção do espaço imbuída de significado, logo, sujeita à interpretação e, por isso, um tópico apropriado para a crítica literária), torna-se necessário que se entenda que a linguagem usada para descrever e interpretar o lugar delinea ou condiciona esse lugar.¹⁰ O lugar é um texto, formado necessariamente por outros textos.

Por *cartografia literária*, refiro-me à forma como um escritor figurativamente mapeia os territórios representados em seu trabalho, de modo a fornecer ao leitor um sentido mais ou menos útil do mundo e da forma como o sujeito se relaciona com este. O mapa é, ao mesmo tempo, uma ferramenta simples e uma figura conceitual ponderosa. Todos já sabem o que é um mapa e para quê é usado, mas, ainda assim, o mapa é uma metáfora ou objeto muito contestado na teoria crítica e em outras teorias.

O mapeamento tem sido uma atividade associada ao império, à repressão social e a todo o tipo de programas ideológicos engendrados para manipular as representações do espaço em benefício de algum grupo político, por exemplo. O mapeamento também tem sido visto como crucial para qualquer tipo de projeto político libertador, já que a necessidade de representação social e espacial torna-se muito evidente em meio à potencial desorientação e alienação de territórios não mapeados. Em um nível existencial mais básico, podemos afirmar que o mapeamento é uma atividade inevitável (para não dizer neutra), pois o sujeito individual não pode deixar de tentar orientar-se imaginando sua posição em relação a outros sujeitos e em relação a um contexto mais amplo e objetivo. De fato, apesar das múltiplas ambiguidades inerentes a qualquer empreendimento cartográfico, pode-se sugerir que o mapeamento é quase essencial para o nosso ser. Mapeio, logo sou.

A obrigação de mapear se faz sentir com maior urgência, talvez, em situações em que alguém está perdido, buscando desesperadamente um guia ou marcos que possam ajudar na identificação do lugar em que se está em relação a outros. Pedir um mapa ou requerer de alguém que se envolva no

¹⁰ Yi-Fu Tuan, *Space and Place: The Perspective of Experience* (Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 1977), 161–162.

mapeamento de um lugar é reconhecer a própria desorientação, o próprio deslocamento no espaço ou a perda do senso de lugar, o que é, sem dúvida, alienante, para não dizer assustador. A ansiedade espacial associada com o sentimento de estar perdido, um pouco como a *Angústia* que acompanha a condição existencial à la Heidegger e Sartre, traz consigo uma consciência visceral do lugar e do espaço, que pode, de outra forma, ser tomada como certa ou deixada em segurança no inconsciente.

A súbita necessidade de mapear, ou pelo menos de ter acesso a um mapa, coloca em primeiro plano a *topofrenia* que permanece conosco em todos os momentos. Trata-se de uma constante e desconfortável representação mental de lugar que caracteriza as interações do sujeito com seu ambiente o qual é, em si, percebido de forma de tal maneira ampla para que possa incluir o espaço vivido de qualquer experiência pessoal (o passeio no centro comercial, por exemplo), bem como o espaço abstrato cuja verdadeira representação está além do alcance de um indivíduo (o espaço mais amplo que abranja a esfera nacional, internacional ou, mesmo, a universal de um “sistema mundial”). Mas o facto é que uma persistente representação mental de lugar, bem como uma necessidade de mapeamento, são características constantes de nossa existência, embora possam ser mais intensamente vivenciadas em momentos de desorientação.

A topofrenia caracteriza quase toda a atividade humana, como um sentido de lugar – para não mencionar as questões de deslocamento e substituição, de movimento entre lugares e supra lugares e das múltiplas relações entre lugar, espaço, indivíduos, coletividades, eventos e assim por diante – é um elemento essencial do pensamento, da experiência e do ser. Nesta linha, vale a pena notar que o fato de pensar em um lugar já é mapeá-lo. Esse

imperativo cartográfico está no cerne da imaginação espacial. Estamos sempre mapeando, quer estejamos cientes disso ou não.

III.

Talvez seja óbvio afirmar que o mapa é uma metáfora, mas ele não é menos poderoso por ser figurativo. De facto, eu diria que é *apenas* metafórico, já que a imaginação espacial, que é tanto motivo quanto base do projeto de cartografia literária, está necessariamente conectada aos espaços “reais”, à geografia e à arquitetura, por exemplo, bem como aos espaços imaginados que constituem o mundo, quer sejam concebidos como a esfera social, um continente, um planeta ou o universo. Uma visão holística da espacialidade subjaz ao sentido que dou à topofrenia, bem como aos projetos de cartografia literária na narrativa e na leitura geocrítica, já que os espaços e lugares envolvidos devem também ser considerados em seu estado persistentemente real, imaginado e “real-e-imaginado” (para citar a expressão conhecida de Ed Soja).¹¹

Se o mapeamento for parcialmente metafórico, então sua força literal provém do facto de que a espacialidade se apresenta como um aspecto fundamental de nosso próprio ser. Além disso, embora não se possa negar que um certo imperativo cartográfico ou projeto de mapeamento exista no centro da experiência humana e da representação estética através de diferentes momentos históricos, me parece que diversas formações históricas e sociais têm produzido diferentes organizações espaciais, como Henri Lefebvre tem sustentado¹². Nesse caso, certos lugares e momentos provavelmente necessitaram de maior atenção ou consciência em relação aos problemas de representação ou de orientação espacial do que outros. Consequentemente, níveis de ansiedade cartográfica podem variar dependendo da situação histórica,

¹¹ See Edward W. Soja, *Thirdspace: Journeys to Los Angeles and Other Real-and-Imagined Places* (Oxford: Blackwell, 1996).

¹² Ver Henri Lefebvre, *The Production of Space*, trans. Donald Nicholson-Smith (Oxford: Blackwell, 1991).

social e espacial e da necessidade de produzir mapas figurais, o que pode ser mais ou menos urgente.

Como mencionei anteriormente, muitos críticos proeminentes têm enfatizado que a nossa época reforçou o sentido da espacialidade, o que vem acontecendo já há algum tempo. A chamada “virada espacial” nas humanidades e nas ciências sociais nos anos recentes é parcialmente o resultado da elevada importância dada ao espaço, ao lugar e ao mapeamento nessas áreas nos fins do século XX e início do XXI.

A ideia de “mapeamento cognitivo” de Jameson foi desenvolvida, em parte, para lidar com esse aspecto do presente por ele designado de condição “pós-moderna”. Jameson tem admitido que o *mapeamento cognitivo* foi, de facto, uma palavra-código para “consciência de classe” mas, no entanto, deveria ser entendido como uma forma de consciência especialmente adequada para “aquela nova espacialidade implícita no pós-moderno”¹³. Ele explica ainda que a figura do mapa “retém a vantagem de envolver conteúdos concretos (imperialismo, sistema mundial, subalternidade, dependência e hegemonia) envolvendo necessariamente um programa de análise formal novo (uma vez que é centralmente definido pelo dilema da própria representação)”¹⁴. De facto, quer o mapa seja considerado uma forma literal ou uma figura para o tipo de representação narrativa que eu tenho em mente quando uso o termo *cartografia literária*, a flexibilidade e eficácia do mapeamento fazem dele um modelo exemplar para os estudos culturais e literários, se não para as humanidades e para as ciências sociais *tout court*.

Na medida em que Aristóteles define os humanos como animais políticos, podemos igualmente nos definir como animais contadores de histórias. Todas as narrativas podem ser entendidas como formas de cartografia literária, pois, ao contar histórias, orientamos a nós mesmos e a outros em relação ao lugar e ao espaço, para não falarmos em momentos no tempo, e, assim, produzimos cartografias dinâmicas, multiformes e multifacetadas. Uma abordagem geocrítica para a leitura desses mapas narrativos permite-nos perceber, de forma mais

¹³ Jameson, *Postmodernism, or, the Cultural Logic of Late Capitalism* (Durham: Duke University Press, 1991), 417–418.

¹⁴ Jameson, *The Geopolitical Aesthetic: Cinema and Space in the World System* (Bloomington, IN, and London: Indiana University Press and The British Film Institute, 1992), 188–189.

enfática, os modos como o espaço, o lugar e o mapeamento condicionam nossas vidas, atitudes, pensamentos e experiências, bem como nossas reivindicações de conhecê-los. Como foi dito por Frank Kermode, a tarefa do crítico não é a de nos ajudar a dar sentido a nossas vidas — esse é o ônus dos poetas e de outros escritores criativos — mas simplesmente a de tentar o feito menor de “atribuir significado às nossas próprias tentativas de dar sentido às nossas vidas”¹⁵. Em nosso tempo, depois da “virada espacial”, geocríticos, críticos da espacialidade e outros que trabalham com as humanidades espaciais podem oferecer novas interpretações, análises e avaliações desses modos de dar sentido ou dar forma às nossas vidas. Ao voltarmos nossa atenção para a imaginação espacial, suas motivações e resultados, podemos ver o mundo e a nós mesmos de novas e interessantes maneiras.

IV.

É neste ponto que vejo a *geocrítica*, numa aceção ampla, como sendo particularmente eficaz em nossa época, momento em que as relações espaço-temporais e a crise da representação, antes associada à modernidade ou mesmo à pós-modernidade, se tornaram cada vez mais complicadas. Não desejo adotar uma visão romântica do passado, mas concordo com a ideia de produção histórica de espaços sociais de Lefebvre, bem como com a história espacial de Fernand Braudel ou, mais adiante, a de Immanuel Wallerstein na tentativa de delinear os contornos de um sistema mundial emergente juntamente com Foucault, Jameson, Westphal e outros que traçaram conexões entre a experiência existencial do sujeito individual com as condições estruturais que a afetam além de nossa capacidade de entendimento.

Por uma variedade de razões relacionadas à geopolítica, ao comércio transnacional e a outras questões econômicas, à financeirização, às telecomunicações, ao transporte, à “alta” tecnologia e etc., uma certa ansiedade cartográfica (como Derek Gregory a chamou) e um elevado senso de espaço parecem na realidade típicos da atual época de capitalismo tardio, do pós-modernismo e da era da globalização, para citar alguns dos rótulos populares

¹⁵ Frank Kermode, *The Sense of an Ending: Studies in the Theory of Fiction* (Oxford: Oxford University Press, 1967), 3.

destinados a nomear o sistema atual¹⁶. Torna-se mais difícil dar sentido ou forma ao mundo tal como ele é e tal como o experimentamos. São dois registros que não se alinham, assim como “a verdade da experiência já não coincide com o lugar onde ela acontece” (para citar Jameson novamente)¹⁷. Em vista disso, uma abordagem profundamente crítica – ou certamente geo-crítica, dado o elevado senso espacial e geográfico dos registros – de nossa experiência e de nosso mundo parece apropriada.

Três razões relacionadas entre si justificam o que acabo de afirmar. A primeira, baseia-se na proposta de Tuan de definir o *lugar* em relação ao *espaço*, situando o *lugar* no âmbito disciplinar dos estudos literários, pois é entendido como dotado de significado e sujeito a interpretação. A crítica literária (dentro outras práticas), por sua vez, considera a interpretação, juntamente com a análise e a avaliação, como centrais para o cumprimento de sua missão¹⁸. Desse modo, a geocrítica torna-se mais que adequada para tal tarefa, dada sua elevada atenção às questões espaciais, de lugar e de mapeamento.

A segunda razão apoia-se no que Jameson tem demonstrado sobre a crítica – que, com foco na linguagem e atenção voltada para a necessidade de interpretar – nos permite lidar mais efetivamente com as complexidades de nossa condição atual:

nenhuma sociedade jamais foi tão mistificada de formas tão diversas quanto a nossa, saturada como está com mensagens e informações que funcionam como os próprios veículos da mistificação [...]. Mas, para além do simples facto da mistificação, devemos apontar o problema adicional que o estudo de textos literários e culturais envolve, ou, por outras palavras, essencialmente o estudo das narrativas: pois mesmo que a linguagem discursiva fosse tomada literalmente, existe sempre e

¹⁶ Ver Derek Gregory, *Geographical Imaginations* (Oxford: Blackwell, 1994).

¹⁷ Jameson, *Postmodernism*, 411.

¹⁸ Eu concordo com essa interpretação pois, de uma forma ou de outra, é um elemento crucial da crítica literária ou dos estudos literários em geral, mesmo que essa visão tenha vindo a ser cada vez mais contestada pelos defensores de uma abordagem “pós-crítica” da literatura. Ver, por exemplo, Rita Felski, *The Limits of Critique* (Chicago: University of Chicago Press, 2015).

constitutivamente o problema do “significado” das narrativas como tais¹⁹.

Os mapas narrativos produzidos por meio da cartografia literária estão igualmente sujeitos à investigação hermenêutica, ainda que sirvam também como meios de interpretar os espaços subjacentes que eles tentam representar.

E como terceira razão, menciono a defesa apaixonada de Northrop Frye sobre a crítica literária como meio de educar a imaginação²⁰. Se o estudo da literatura produz uma imaginação mais requintada, então o estudo literário orientado para a espacialidade, em sintonia com a cartografia literária e a investigação geocrítica, só podem fortalecer a imaginação espacial, uma competência mais do que necessária para dar sentido a nosso lugar, a nosso mundo e, portanto, também a nós mesmos.

V.

Portanto, faz sentido que a literatura ou os estudos literários ocupem uma posição privilegiada tanto nos estudos acerca da espacialidade como em nossas próprias vidas. Se não expus uma metodologia clara para a prática da leitura geocrítica ou topofrênica, foi, em parte, devido ao fato de eu acreditar que, na prática, as formas mais eficazes da geocrítica abrangeriam necessariamente uma variedade de perspectivas, métodos, teorias e abordagens, o que, por sua vez, pode depender de escolhas estratégicas e condições locais. A *bricolage* de Claude Lévi-Strauss continua a ser adequada para a geocrítica, especialmente se entendermos (como Derrida) que o engenheiro deve se dedicar à *bricolage* não menos que qualquer outra pessoa²¹. Nesse sentido, continuo a me

¹⁹ Jameson, *The Political Unconscious*, 60–61. Needless to say, perhaps, that a “literal” interpretation is still a kind of interpretation, as literary texts and the language of which they are made do not simply conform to an objective set of facts, but require ways of reading. [É desnecessário dizer-se, talvez, que uma interpretação “literal” é, ainda assim, uma forma de interpretação, uma vez que os textos literários e a linguagem de que são compostos não se coadunam com um dado conjunto de factos, mas requerem formas de leitura].

²⁰ Veja-se Northrop Frye, *The Educated Imagination* (Bloomington: Indiana University Press, 1964).

²¹ Ver Claude Lévi-Strauss, *The Savage Mind*, trans. anon. (Chicago: University of Chicago Press, 1966), 16–18. Lévi-Strauss distinguishes between the *bricoleur*, who by necessity makes do with materials at hand, and the *engineer*, who meticulously plans out a project in advance. [Lévi-Strauss distingue entre o *bricoleur*, que, por necessidade, faz uso dos materiais de que dispõe] Jacques Derrida, in “Structure, Sign, and Play in the Discourse of the Human Sciences,” Derrida notes that the engineer cannot stand outside discourse like some theological

maravilhar com as formas inovadoras e empolgantes pelas quais os críticos nos anos recentes analisaram amplas variedades de textos culturais e eu não gostaria de prescrever alguma forma particular de leitura, mesmo que pudesse. Suponho que, no que me diz respeito, continuo sendo um crítico marxista de sensibilidade jamesoniana, na medida em que penso que os vários meios pelos quais diferentes críticos chegam a essa ou àquela conclusão pode oferecer uma visão mais aprofundada de nossas tentativas de dar sentido ao “quadro maior” que pode apenas emergir através dos processos meticulosos de ligar as vertentes díspares a um todo reconhecível.

Da mesma forma, o tipo de abordagem topofrênica ou geocrítica que tenho em mente ressaltaria a importância da espacialidade, do espaço e do lugar, mas não à custa da exclusão de outros fatores que compõem as condições objetivas e as percepções subjetivas que, combinadas, moldam o mundo. Estamos sempre *situados*, “no centro dos centros” e, portanto, sempre mapeando, mas os mapas que produzimos, bem como os que analisamos e avaliamos são, eles próprios, provisórios, experimentais e sujeitos a constante modificação. Ao dar forma aos espaços e lugares de nossa experiência e de nossa imaginação, ajudamos a estabelecer os contornos de nosso próprio mundo e a especular sobre alternativas protecionistas que necessariamente combinam as dimensões realistas e utópicas da imaginação cartográfica.

Do exposto, não me parece apropriado terminar com uma nota do tipo triunfal ou hiperbólica, pois acredito que já estejamos cansados de ver críticos literários fazendo reivindicações indignadas sobre os benefícios morais ou sociais dessa ou daquela metodologia. “Nunca acredite que um espaço liso seja o suficiente para nos salvar”, alertam Deleuze e Guattari, afinal²². Se uma abordagem geocrítica das obras literárias e culturais nada tivesse para oferecer além de algumas interpretações diferentes e interessantes deste ou daquele texto, ou eventualmente proporcionasse apenas enquadramentos analíticos para futuros estudos, tal já valeria sem dúvida, a pena. Se, de fato, a geocrítica pode

entity, but must also deal with materials at hand; thus, “the engineer is a myth produced by the *bricoleur*” [Derrida faz notar que o engenheiro não se posiciona exteriormente ao discurso como se fosse uma entidade teológica, tendo também de utilizar os materiais disponíveis; assim, “o engenheiro é um mito produzido pelo *bricoleur*”] (285). See Derrida, *Writing and Difference*, trans. Alan Bass (Chicago: University of Chicago Press, 1978), 278–294.

²² Gilles Deleuze e Félix Guattari, *A Thousand Plateaus*, trad. Brian Massumi (Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 1987), 500.

oferecer ainda mais, tanto melhor. Dado o que considero ser nossa condição fundamentalmente topofrênia, com uma espécie de imperativo cartográfico que subscreve a produção concomitante de mapas literários e a urgência com que somos confrontados com perplexidades espaço-temporais em nossa situação atual, penso que a abordagem geocrítica adequa-se bem ao momento presente. Estou ansioso por conhecer as percepções e visões alternativas a serem reveladas pelas leituras geocríticas que ainda estão por vir. Acima de tudo, estou ansioso para saber o que os novos mapas nos mostrarão não apenas sobre os espaços delineados em suas superfícies figuradas, mas, também, sobre quem os produz.

Obrigado.

Recebido em 25/07/2018
Aprovado em 30/07/2018